DOM PEDRO I À LUZ DO SESQUICENTENÁRIO

Aires de Montalbo

Escrever sobre D. Pedro I não é fácil. E' tarefa ingrata, pois o homem tem muitas facetas. Personagem complexo e difícil, se alguém quer dele uma imagem à altura.

Neste sesquicentenário da Independência do Brasil muito se tem escrito, com altos e baixos, sobre o impetuoso filho de D. João VI e D. Carlota Joaquina. Diante disso, a sua efígie verdadeira já se nos mostra mais tersa e aclarada, por via de tantas manipulações.

E' certo que a imagem que dele tínhamos desde os bancos escolares, apesar da auréola da Independência, não era a verdadeira: tivemos de refazê-la depois.

Vida curta (36 anos apenas) e contraditória a desse famoso Monarca de dois mundos. Conheceu dias de glória e de exaltação e de humilhações tremendas, tanto em Portugal como no Brasil, onde viveu 23 anos de lutas.

Rei sem protocolo, democrata por educação e por índole, sem etiquetas áulicas, era quase um plebeu no agir desembaraçado, de apoucada instrução como Príncipe, cavaleiro, músico e poeta até certo ponto, querido do povo e da cidade do Rio, em cujas ruas passava cavalgando belos corcéis.

Viveu tumultuosamente uma época política agitada por rebeldias intestinas, que ele teve de esmagar duramente, de modo que para muitos liberais do tempo só tinha um título adequado — déspota imperial. Foi odiado e amado.

Quando ia a Minas e a São Paulo, era alvo de manifestações estrondosas por parte dos povos, que por toda parte o recebiam como Defensor Perpétuo do Brasil, fundador do Império.

Em sua curta existência de homem sofrido e impugnado, teve que arcar com fortes pressões das Cortes de Lisboa que desejavam fazer dele um joguete, mas acabaram dobrando a cerviz sob o tacão violento do Príncipe, que lhes infligiu, às margens

do Ipiranga, em 1822, uma derrota definitiva. Qualquer outro menos decidido teria capitulado ante exigências tão drásticas.

Daí por diante teve de lutar, com arma de dois gumes, contra inimigos externos e internos: República do Equador, separação da Cisplatina, tropas do Gen. Madeira, que lhe deram dor de cabeça no tablado movediço das incertezas do tempo. Mas venceu.

E' certo que ele de tempos a tempos ia refazer-se em São Paulo, ao lado de sua amada Domitila de Castro, Marquesa de Santos, em dias de regosijo indescritível.

Era, assim, um Príncipe versátil, aventureiro, esportivo e alegre, que não se prendia a essessores. Com respeito às odiosas Cortes lisboetas e suas pretensões, soube avir-se com galhardia e coragem inexcedíveis.

Se tinha algum respeito era, entre outros áulicos, à figura venerável, prudente e sóbria, de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca. A Clemente Pereira, Gonçalves Ledo e aos barões, que o cercavam não os atendia assim, tão facilmente, no seu proceder livre e incômodo para uma Corte tradicionalista de sete séculos desde Afonso Henrique. Ou de dois séculos desde D. João VI.

Como era de se prever, afinal chegou a desavir-se com os melhores amigos, temperamental que era, e dissolveu, num golpe de força, a Constituinte, tendo que exilar, mesmo os Andradas, em 1823.

Os liberais nunca lhe perdoaram esse ato de independencia. e de bravura. E como se as lutas no Brasil não lhe bastassem, renuncia ao trono, volta a Portugal para disputar ao irmão, tido como usurpador, a Corte dos Braganças. E terminou ganhando essa batalha histórica com auxílio externo, em favor de sua amada filha D. Maria da Glória. O cenário das lutas armadas em Portugal, nessa corrida ao trono mostra-se muito mais tenso e acirrado do que os mais sombrios anos de Brasil. Ali a luta foi de vida e de morte. Ela o arrasou em pouco tempo.

D. Miguel, é certo, tinha o apoio dos católicos e de grande parte da nobreza do Reino. D. Pedro IV contava mais com o povo e com os liberais maçônicos. Creio que D. Miguel não teria capitulado, nem teria sido banido posteriormente para a Austria, cuja política seguia, se a refrega fosse só entre portugueses.

Mas D. Pedro tinha por si forte contingente gálico (5 de julho de 1833): de modo que a batalha do Cabo São Vicente, o desembarque em Mindelo, com 7 mil homens e 50 navios de guerra, a marcha sobre Lisboa, que se rende, em grande parte se deve a Napier, almirante francês.

A vitória de D. Pedro IV, em Portugal só se deu em 1834. Mostrou-se generoso com o irmão vencido. Nada de medidas ar-

bitrárias e injustas. Ao irmão, que se ausentava para a Austria, assinou-lhe uma pensão anual de 60 contos de réis, para se manter com a família no exílio dignamente, donde nunca mais voltou.

Esse seu gesto nobre valeu-lhe a odiosidade dos liberais portugueses; e ao dirigir-se, uma noite, ao Teatro São Carlos, foi recebido com vaias e pedradas. Para evitar coisa pior, teve que esconder-se. Essa foi sua última derrota no meio de seu povo, num momento de exasperação. Abandonou, daí por diante, a vida pública, Regente do Reino que era, e a 19 de setembro desse ano, 1834, levou sua filha D. Maria II a prestar juramento como Rainha de Portugal.

Pouco após, vítima de tuberculose pulmonar, falecia D. Pedro IV. Seu corpo, por expressa determinação sua, foi inumado junto ao Altar-Mor da igreja da Lapa, na invicta cidade do Porto. Isso até a pouco, quando o Governo brasileiro o reclamou para realçar as festas do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Os portugueses ficaram apenas com o coração do herói. Esses restos mortais, cedidos, de bom grado, pelo Governo de Américo Tomás foram transladados ao Brasil com grande pompa, e numa excursão póstuma, percorreram todos os Estados da Federação, cuja unidade de língua, religião e território, soube em tempo, preservar. Ficarão de 7 de setembro em diante, no suntuoso Monumento do Ipiranga, ao lado de sua primeira mulher, a imperatriz D. Maria Leopoldina, a mãe dos brasileiros.

As festas do Sesquicentenário da Independência do Brasil, com a chegada dos restos mortais do grande Imperador, tomaram uma coloração especial, não há dúvida.

Para isso muita coisa foi tacitamente esquecida e perdoada de ambos os lados. Os tempos mudaram: hoje portugueses e brasileiros confraternizam, com direitos políticos iguais, irmãos que são da mesma raça. O Brasil, como se sabe, é o grande orgulho de Portugal nos trópicos, revelado por ele ao mundo, na Era de Quinhentos.

Nenhum resquício existe mais das lutas sangrentas, que nos separaram logo a seguir a nossa Independência política.

Antônio Torres, o lusófobo, se vivesse, havia de estranhar a firmeza e a unanimidade dessa união de dois povos separados apenas pela carneira azul do Atlântico, ele, que escreveu, espumante de ódio, as célebres "Razões da Inconfidência mineira".

O Rei Cavaleiro merece, de fato, essa homenagem. Por muito tempo foi no Brasil um personagem anedótico ao lado de suas cortesãs e do Chalaça. Assim o tinham escritores, cuja cultura se abeberava nas "Maluquices do Imperador" e em páginas superficiais de Viriato Correia.

Era, ao contrário, como acentua Josué Montello, uma figura representativa, aureolada de irrecusável grandeza, à altura dos tempos. Podemos ainda considerá-lo como o homem que não permitiu, no tablado político do seu tempo, a fragmentação desta grande Pátria, orgulho nosso, em republiquetas irrisórias.

Paulo Setúbal, tratando em romance, do 1.º Imperador do Brasil, pede para ele um estudo mais completo e profundo de ordem genética, psicológica e caracteriológica. Estava diante de uma rica personalidade. Êsse estudo em parte já está feito, embora não o julguemos completo, por homens consienciosos e dignos, como Pedro Calmon, Octavio Tarquínio de Sousa, Augusto de Lima Júnior, M. Graham, que se serviu de documentos das Chancelarias do Império, e outros. Temos notícia de uma obra em vários volumes do Prof. Dr. Stanislaw Herstal sobre a iconografia de D. Pedro I, da qual já saiu a lume o primeiro tomo.

Daqui por diante, cremos piamente, o seu vulto heróico, o seu perfil de homem corajoso e lúcido tomará novas dimensões. Cairá a máscara fictícia, que lhe aplicaram ao rosto, no correr de quase dois seculos, — verdadeira caricatura — e os brasileiros poderão ver e amar, sem contrafações, o seu perfil real e nobre, orgulho de um povo.

Esse será o saldo mais positivo deste Sesquicentenário.